

a evolução, a revolução e o ideal anárquico¹

élisée reclus

IX

A ignorância diminui e, entre os evolucionistas revolucionários, logo o saber dirigirá o poder. É este fato capital que nos dá confiança nos destinos da Humanidade: apesar da infinita complexidade das coisas, a história prova que os elementos de progresso vão sobrepujar os de regressão. Considerando todos os fatos da vida contemporânea, os que revelam uma decadência relativa e os que, pelo contrário, indicam uma marcha para diante, constatamos que os últimos prevalecem em valor e que a evolução cotidiana nos aproxima incessantemente do conjunto de transformações, pacíficas ou violentas, que chamamos de antemão de “revolução social”, e que consistirá principalmente na

Elisée Reclus (1830-1905) foi um geógrafo, anarquista e uma importante presença na Comuna de Paris. Viajou o mundo todo, incluindo o Brasil, observando e fazendo anotações, muitas publicadas, sobre a vida natural em cada lugar. Era vegetariano, amigo de Piotr Kropotkin e Jean Grave, contribuiu com o jornal La Revolté. Em sua atuação como geógrafo, chegou a receber uma medalha da Sociedade Geográfica de Paris pela publicação de La Nouvelle Géographie Universelle. Entre suas obras constam também L'Homme et la Terre e L'Évolution, la Révolution et l'Idéal anarchique.

destruição do poder despótico das pessoas ou das coisas, e da apropriação pessoal dos produtos do trabalho coletivo.

O fato capital é o nascimento da Internacional dos Trabalhadores. Sem dúvida, ela se encontrava em gestação desde que homens de diferentes nações se auxiliaram mutuamente com toda simpatia e por seus interesses comuns; ela assumiu mesmo uma existência teórica no dia em que os filósofos do século XVIII ditaram à Revolução francesa a proclamação dos “Direitos do Homem”; mas esses direitos permaneceram uma simples fórmula e a assembleia que os criou no mundo recusou-se claramente a aplicá-los: ela não ousou sequer abolir a escravidão dos Negros de São Domingos e só cedeu após alguns anos de insurreição, quando a última chance de salvação dependia disso. Não, a Internacional, que para todos os países civilizados estava se formando, só tomou consciência de si própria durante a segunda metade do século XIX, e foi no mundo do trabalho que ela surgiu: as “classes dirigentes” não contribuíram em nada para isso. A Internacional! Desde a descoberta da América e a circunavegação da Terra, nenhum fato foi mais importante na história dos homens. Colombo, Magalhães, Elcano, foram os primeiros a constatarem a unidade material da Terra, mas a futura unidade normal desejada pelos filósofos só teve um início de realização no dia em que trabalhadores ingleses, franceses, alemães, esquecendo a diferença de origem e compreendendo uns aos outros apesar da diversidade da linguagem, reuniram-se para formar uma única nação, desprezando todos os respectivos governos. Os inícios da obra foram modestos: embora mal chegassem aos milhares os homens agrupados nessa associação, célula primitiva da Humanidade futura, os historiadores compreenderam a importância capital do

acontecimento que acabara de se cumprir. E desde os primeiros anos de sua existência, durante a Comuna de Paris, pode-se ver, pela derrubada da coluna Vêndome, que as ideias da Internacional tinham se tornado uma realidade viva. Coisa inédita até então, os vencidos derrubaram com entusiasmo o monumento de antigas vitórias, não para adular covardemente os que acabavam por sua vez de vencer, mas para manifestar sua simpatia fraterna para com irmãos que tinham sido levados a enfrentar-se contra eles, e seus sentimentos de execração contra os patrões e reis que, ambos, conduziam seus súditos ao abatedouro. Para os que sabem se colocar fora das lutas mesquinhas dos partidos e contemplar do alto a marcha da história, não há, neste século, um sinal dos tempos com significado mais contundente do que a derrubada da coluna imperial sobre sua camada de esterco!

Depois, ela foi reerguida, assim como, após a morte de Charles I e de Luís XVI, foram restauradas as realezas da Inglaterra e da França, mas sabemos o que valem essas restaurações; as rachaduras podem ser recobertas, mas os abalos do solo não deixarão de reabri-las; os edifícios podem ser reconstruídos, mas a fé primeira que os havia edificado não renascerá. Não se restaura o passado, nem se evita o futuro. É verdade que todo um aparato de leis proíbe a Internacional. Na Itália ela é qualificada de “associação de malféitores” e na França foram promulgadas contra elas as “leis infames”. Seus membros eram punidos com prisão, lançados às masmorras. Em Portugal é um crime duramente castigado até mesmo pronunciar seu nome. Miseráveis precauções! Não importa o nome sob o qual seja disfarçada, a Federação Internacional dos Trabalhadores continua existindo e se desenvolvendo,

sempre mais solidária e potente. Até podemos considerar uma singular ironia da sorte, o fato de que revele o quanto esses ministros e magistrados, esses legisladores e seus cúmplices, são seres dispostos a enganar a si mesmos e como eles se enredam em suas próprias leis. Mal acabam de ser utilizadas, suas armas ficam cegas, perdem o corte. Eles proíbem a Internacional, mas não podem proibir o acordo natural e espontâneo de todos os trabalhadores que pensam, unidos pelo crescente sentimento de solidariedade, numa aliança sempre mais íntima contra os parasitas de diversas nações e de diversas classes. Essas leis só servem para tornar grotescos os graves e majestosos personagens que as editam. Pobres loucos, ordenando que o mar recue!

É verdade que as armas que os operários usam em sua luta de reivindicação podem parecer ridículas, e na maior parte do tempo elas realmente o são. Quando querem se queixar de alguma injustiça gritante, ou manifestar seu espírito de solidariedade com algum camarada ofendido, ou então quando reclamam um salário superior ou a diminuição das horas de trabalho, eles ameaçam os patrões com o cruzar de braços: como os plebeus da república romana, eles abandonam seu trabalho costumeiro e se retiram para seu “Monte Aventino”. Para fazê-los retornar ao trabalho não lhes são mais contadas fábulas sobre os “Membros e o Estômago”, embora os jornais bem pensantes ainda nos ofereçam esse apólogo sob diversas formas, rodeados de tropas com armas carregadas, baioneta no canhão, mantendo-os sob a constante ameaça do massacre, e isso é chamado de “proteger a liberdade do trabalho”.

Por vezes, os soldados atiram de fato nos trabalhadores em greve: um pouco de sangue batiza as soleiras das

oficinas ou as bordas dos poços de mina. Mas mesmo que as armas não intervenham, a fome nunca deixa de realizar sua obra: os trabalhadores, desprovidos de qualquer reserva pessoal, privados de crédito, encontram-se diante da implacável fatalidade: não mais sustentados pela embriaguez provocada pela cólera e o entusiasmo dos primeiros dias, e sob pena de suicídio, só lhes resta ceder, sofrer humildemente as condições impostas e retornar de cabeça baixa à mina que, ainda ontem, chamavam de masmorra. É que a disputa realmente não acontece entre iguais: de um lado, o capitalista fisicamente disposto e sem qualquer receio quanto à manutenção de seu bem-estar; o padeiro e os outros fornecedores continuam a afluir a seu redor e os soldados a manter guarda na porta de sua casa; todo o poder do Estado, e se for necessário, dos Estados vizinhos, estão a seu serviço. E de outro lado, uma multidão de homens que baixam os olhos, temendo que se perceba como eles fáiscam, e que perambulam, vagos e famélicos, à espera de um milagre!

E, no entanto, às vezes esse milagre acontece. Algum patrão necessitado é sacrificado por seus colegas, que consideram inútil solidarizar-se com ele. Um ou outro chefe de fábrica ou de oficina, sentindo-se manifestamente equivocado, cede à majestade da verdade ou então à pressão da opinião pública. Em várias pequenas greves em que os interesses envolvidos representam apenas um fraco capital e nas quais o amor próprio dos poderosos barões da finança não corre o risco de ser lesado, os trabalhadores conseguem um triunfo fácil: por vezes, até algum rival ambicioso não se incomoda em prejudicar um colega que o atrapalhava e o afronta num conflito mortal com seus operários. Mas quando se trata de lutas verdadeiramente

importantes, em que os grandes capitais se encontram em jogo e onde o espírito de corpo solicita todas as energias, a enorme diferença de recursos entre as forças conflitantes não permite aos pobres, que só possuem seus músculos e seus direitos, muitas esperanças de vitória contra uma liga de capitalistas. Estes podem fazer aumentar indefinidamente seu fundo de resistência e, além disso, dispõem de todos os recursos do Estado e o apoio das companhias de transporte. A estatística anual das greves prova com cifras indiscutíveis que esses choques desiguais acabam cada vez mais frequentemente com o esmagamento dos operários grevistas. A estratégia desse tipo de guerra é hoje bem conhecida: os donos de fábrica e de companhias sabem que nesses casos eles dispõem livremente dos capitais das empresas similares, do exército e da ínfima razão dos mortos-de-fome.

Assim, os historiadores do período contemporâneo devem reconhecer que, nas condições do meio, a prática das greves parciais, pelas multidões de braços cruzados, certamente não apresenta qualquer chance de produzir uma transformação social. Mas o que importa estudar não são tanto os fatos atuais, quanto as ideias e as tendências geradoras dos acontecimentos futuros. Ora, o poder da opinião no mundo dos trabalhadores manifesta-se com força, ultrapassando em muito esse pequeno movimento das greves que, em resumo, reconhece e conseqüentemente confirma em princípio o assalariamento, ou seja, a subordinação dos operários aos locadores de trabalho. Ora, nas assembleias em que o pensamento de cada um se explicita em vontade coletiva, o aumento dos salários não é o ideal aclamado: é pela apropriação do solo e das usinas, já considerada como o ponto de partida de uma

nova era social, que os operários de todos os países, reunidos em congresso, pronunciam-se em perfeito acordo. Na Inglaterra, nos Estados Unidos, no Canadá, na Austrália, ressoa o grito:

“Nacionalização do solo”, e certas comunas, e mesmo o governo da Nova Zelândia, já consideraram oportuno ceder parcialmente às reivindicações populares. A literatura espontânea das canções e dos refrãos socialistas já não retomou em esperança todos os produtos do trabalho coletivo?

Negro da fábrica

Escravo da mina

Ilota dos campos,

Poderoso povo, levanta-te:

Operário, toma a máquina!

Toma a terra, camponês!

E a compreensão nascente do trabalhador não se evapora totalmente em canções. Algumas greves assumiram um caráter agressivo e ameaçador. Não são mais apenas atos de desespero passivo, passeatas de famélicos exigindo pão: algumas dessas manifestações tomaram formas bastante incômodas para os capitalistas. Não vimos nos Estados Unidos os operários, dominando durante oito dias todas as ferrovias de Indiana e de uma parte da costa Atlântica? E durante a grande greve dos carregadores e estivadores de Londres, todo o bairro das Docas não se

encontrou de fato entre as mãos de uma multidão internacional, fraternalmente unida? Viu-se ainda algo melhor. Em Vienne, perto de Lyon, centenas de operários e operárias, quase todos tecelões de lãs, souberam festejar nobremente o 1º de maio, forçando as portas de uma fábrica, não para pilhar, mas como justiceiros: solenemente, quase religiosamente, apoderaram-se de uma peça de fazenda que eles mesmos haviam tecido e tranquilamente repar-tiram entre si esse pano, com mais de trezentos metros de comprimento, e isso sem ignorar que as brigadas policiais, convocadas de todas as cidades vizinhas por telégrafo, agrupavam-se na praça pública para combatê-los e talvez fuzilá-los; mas eles também sabiam que seu ato de apropriação da fábrica, verdadeira propriedade coletiva, sequestrada pelo capital, não seria esquecida por seus irmãos de trabalho e sofrimento. Assim, eles se sacrificaram pelo bem comum, e milhares de homens juraram seguir esse exemplo. Não é esta uma data memorável na história da Humanidade? Esta é uma revolução, na mais nobre acepção da palavra; aliás, se esta revolução tivesse tido a força de seu lado, não teria deixado de permanecer absolutamente pacífica.

A questão maior consiste em saber se a moral dos operários condena ou justifica tais atos. Se ela estiver cada vez mais de acordo em aprová-los, criará fatos sociais correspondentes. O pedreiro reclamará a casa que construiu, assim como o tecelão tomará o pano que teceu, e o agricultor tomará para si o produto do silo. É essa a esperança do trabalhador e o temor do capitalista. Desta forma, alguns gritos desesperados já se fazem ouvir no campo dos privilegiados, e alguns dentre eles já recorreram a medidas extremas de salvação. Assim, a famosa fábrica de

Homestead, na Pensilvânia, é construída como uma fortaleza, com todos os meios de defesa e de repressão contra os operários que a ciência moderna pode fornecer. Em outras fábricas prefere-se empregar o trabalho de condenados, que o Estado cede benevolamente, por um salário menor; todos os esforços dos engenheiros são dirigidos para o emprego da força bruta das máquinas dirigida pela impulsão inconsciente de homens sem ideal e sem liberdade. Mas aqueles que querem prescindir de inteligência só podem fazê-lo à condição de se enfraquecerem, se mutilarem, preparando assim a vitória de homens mais inteligentes que eles; fogem diante das dificuldades da luta, que logo irá atingi-los.

Quando o espírito de reivindicação penetrar totalmente a massa dos oprimidos, qualquer acontecimento, mesmo aparentemente sem importância, poderá provocar um abalo transformador, como uma faísca faz explodir um barril de pólvora. Signos precursores já anunciaram a grande luta. Quando em 1890, ressoou o apelo do “1º de maio” lançado por um desconhecido qualquer, talvez um camarada australiano, vimos os operários do mundo inteiro se unirem repentinamente num mesmo pensamento. Nesse dia, eles provaram que a Internacional, embora oficialmente enterrada, tinha certamente ressuscitado, e não pela voz dos chefes, mas pela pressão das massas. Nem os “sensatos conselhos” dos funcionários socialistas, nem o aparelho repressivo dos governos conseguiram impedir que os oprimidos de todas as nações se irmanassem por todo o planeta e dissessem isso uns aos outros. E, no entanto, tratava-se aparentemente de muita pouca coisa, de uma simples manifestação platônica, de uma palavra de ordem, de uma senha! De fato, patrões e governos, auxi-

liados pelos próprios chefes socialistas, reduziram aquela fatídica palavra a uma mera fórmula sem valor. Não obstante, esse grito, essa data fixa, adquiriram um sentido épico por sua universalidade. Qualquer outro grito, repentino, espontâneo, imprevisto, pode produzir resultado ainda mais surpreendente. A força das coisas, ou seja, o conjunto das condições econômicas, certamente fará nascer, por uma ou outra causa, relativa a algum fato desimportante, uma dessas crises pelas quais se apaixonam até mesmo os indiferentes, que fará jorrar de repente uma imensa energia acumulada no coração dos homens pelo sentimento violado da justiça, pelos sofrimentos não expiados, pelos ódios não saciados. Todo dia pode trazer uma catástrofe. A dispensa de um operário, uma greve local, um massacre fortuito, podem ser a causa da revolução: é que o sentimento de solidariedade aumenta a cada dia e qualquer estremecimento local tende a sacudir a Humanidade. Há alguns anos, uma nova palavra de ordem, “Greve geral”, explodiu nas oficinas. Essas palavras pareceram estranhas, como a expressão de um sonho, de uma esperança quimérica, mas depois foram repetidas com uma voz mais alta, e hoje ressoam tão fortemente que muitas vezes fizeram tremer o mundo dos capitalistas. Não, a greve geral — e entendo por essa expressão não apenas a simples cessação do trabalho, mas uma reivindicação agressiva de todo o haver dos trabalhadores; não, esse acontecimento não é impossível; ele se tornou mesmo inevitável, e talvez próximo. Assalariados belgas, franceses, alemães, americanos, australianos, compreendem que deles depende recusar no mesmo dia qualquer trabalho para seus patrões, ocupar nesse mesmo dia a fábrica em seu benefício coletivo; e aquilo que hoje eles compreendem ou pelo menos pres-

sentem, por que eles não o praticariam amanhã, principalmente se à greve dos trabalhadores se acrescentar a dos soldados?

De forma unânime, os jornais se calam com perfeita prudência quando os militares se rebelam ou abandonam o serviço em massa. Os conservadores, que querem absolutamente ignorar os fatos que não estejam de acordo com seu desejo, imaginam de bom grado que tal abominação social seja impossível; mas as deserções coletivas, as rebeliões parciais, as recusas de atirar são fenômenos que se produzem frequentemente nos exércitos mal enquadrados, e não são completamente desconhecidos nas organizações militares mais sólidas. Aqueles dentre nós que se recordam da Comuna ainda veem na memória os milhares de homens que Thiers havia deixado em Paris e que o povo desarmou e converteu tão facilmente à sua causa. Quando a maior parte dos soldados tiverem sido penetrados pela vontade da greve, a oportunidade de realizá-la irá cedo ou tarde se apresentar.

A greve, ou melhor, o espírito de greve, tomado em seu sentido mais amplo, vale sobretudo pela solidariedade que ele estabelece entre todos os que reivindicam tal direito. Lutando pela mesma causa, aprendem a se amar entre si. Mas também há obras de associação direta, e estas contribuem de forma crescente para a revolução social. É verdade que essas associações de forças entre os pobres, agricultores ou pessoal da indústria, encontram grandes obstáculos em consequência da falta de recursos materiais dos indivíduos; a necessidade de ganhar o pão obriga quase todos ou a deixar a terra natal para vender sua força de trabalho a quem oferecer o melhor posto, ou a permanecer nela, aceitando as condições, por mais mesquinhas que

sejam, que lhes sejam oferecidas pelos distribuidores da mão-de-obra. De qualquer maneira, acabam se sujeitando e o trabalho cotidiano impede-os de construir planos de futuro, de escolher associados a seu gosto nas batalhas da vida. Assim, apenas excepcionalmente conseguem realizar obras de pequena escala, oferecendo apesar de tudo, no que se refere ao mundo ambiente, um caráter de vida nova. Mesmo assim, numerosos sinais da sociedade futura se manifestam entre os operários, graças às circunstâncias propícias e à força da ideia que penetra até meios sociais pertencentes ao mundo dos privilegiados.

Muitas vezes somos interrogados com prazeroso sarcasmo sobre as tentativas de associações mais ou menos comunitárias já feitas em diversas partes do mundo, e seríamos pouco judiciosos caso a resposta a estas questões nos incomodasse no que quer que fosse. É verdade: a história dessas associações conta mais sobre fracassos do que sucessos, e não poderia ser diferente, pois se trata de uma revolução completa: a substituição do trabalho, individual ou coletivo, em benefício de um só, pelo trabalho de todos em benefício de todos. As pessoas que se agrupam para entrar numa dessas sociedades com um novo ideal, não estão, elas mesmas, desembaraçadas de preconceitos, de antigas práticas, do atavismo inveterado; elas ainda não se “despojaram do velho homem”! No microcosmo “anarquista” ou “harmonista” que elas formam, têm que continuar lutando contra as forças de dissociação, de disrupção, representadas pelos hábitos, costumes, laços de família, sempre tão fortes, as amizades açucaradas, amores com ciúmes ferozes, retorno da ambição mundana, necessidade de aventuras, mania de mudanças. O amor próprio, o sentimento da dignidade podem sustentar os iniciados

durante certo tempo, porém, à primeira decepção, eles se deixam invadir pela secreta esperança de que os esforços não se concretizem e que novamente possam mergulhar nas águas tumultuosas da vida exterior. Lembramos da experiência dos colonos de Brook Farm, na Nova Inglaterra que, mantendo-se fiéis à associação, mas apenas por um vínculo de virtude, por fidelidade a seu primeiro impulso, não ficaram menos encantados quando um incêndio destruiu seu palácio societário, desligando-os assim do voto contraído entre eles, mediante uma espécie de juramento interior, embora diferente das formas monacais.

Evidentemente, a associação estava condenada a perecer, mesmo sem que o incêndio realizasse o desejo íntimo de vários, pois a vontade profunda dos societários estava em desacordo com o funcionamento de sua colônia.

Por causas análogas, ou seja, a falta de adaptação ao meio, a maioria das associações pereceram: elas não eram regulamentadas, como os quartéis ou os conventos, pela vontade absoluta dos chefes militares ou religiosos, e pela obediência não menos absoluta dos inferiores, soldados, monges ou religiosas; por outro lado, elas ainda não contavam com o vínculo de solidariedade perfeita produzido pelo respeito absoluto das pessoas, pelo desenvolvimento intelectual ou artístico, pela perspectiva de um grande ideal constantemente crescente. As ocasiões de dissensões ou mesmo de desuniões eram ainda mais previsíveis pelo fato dos colonos, atraídos pela miragem de uma região distante, terem se dirigido para uma terra completamente diferente da sua, onde tudo lhes parecia estranho, onde a adaptação ao solo, ao clima, aos costumes locais, encontrava-se submetida às maiores incertezas. Os falanstérios que, pouco tempo depois da fundação do

Segundo Império, acompanharam Victor Considérant às planícies do Texas setentrional, rumavam para a ruína certa, pois foram se estabelecer em meio a populações cujos costumes brutais e grosseiros com certeza chocavam sua fina epiderme de parisienses, ao entrarem em contato com essa abominável instituição da escravidão dos negros, sobre a qual lhes era proibido pela lei que se pronunciassem. Da mesma forma, a tentativa de *Freiland* ou da “Terra livre”, feita sob a direção de um doutor italiano em regiões conhecidas apenas por relatos vagos, e conquistadas penosamente por uma guerra de exterminação, apresentava aos olhos do historiador algo de risível: era de antemão evidente que todos esses elementos heterogêneos não conseguiriam se unir num conjunto harmônico.

Nenhum desses insucessos deveria nos desencorajar, pois os esforços sucessivos indicam uma tensão irresistível da vontade social: nem as decepções, nem as zombarias conseguem desviar os pioneiros. Aliás, eles têm sempre diante dos olhos o exemplo das “cooperativas”, sociedades de consumo e outras que, também tiveram inícios difíceis e que hoje, em número tão grande, atingem uma maravilhosa prosperidade. Sem dúvida, a maior parte dessas associações não deram certo, principalmente entre as mais prósperas, pois os benefícios realizados e o desejo de aumentar sua importância, acenderam o desejo de lucro entre os cooperados, ou pelo menos desviaram-nos do fervor revolucionário dos jovens anos. Esse é o maior perigo a ser temido, já que a natureza humana está sempre disposta a arranjar pretextos para evitar os riscos da luta. É muito fácil confinar-se em sua “boa causa”, afastando as preocupações e perigos nascidos do devotamento à causa revolucionária em toda sua amplidão. Afirmam-se que o que

importa antes de tudo é fazer triunfar a empresa à qual a honra coletiva de um grande número de amigos está ligada, e, pouco a pouco, deixam-se arrastar às pequenas práticas do comércio habitual: tinham a firme vontade de transformar o mundo, e facilmente acabam se transformando em simples merceeiros.

Apesar disso, os anarquistas estudiosos e sinceros podem tirar grandes ensinamentos dessas inúmeras cooperativas que surgiram por toda parte e que se agregaram umas às outras, constituindo organismos cada vez mais vastos, de maneira a abarcar as mais diversas funções, como as da indústria, transporte, agricultura, ciência, arte e prazer, e que se esforçam mesmo para constituir um organismo completo para a produção, o consumo e os ritmos da vida estética. A prática científica da ajuda mútua se expande e se facilita; só resta lhe devolver seu verdadeiro sentido e sua moralidade, simplificando toda essa troca de serviços, conservando-se apenas uma simples estatística de produtos e de consumo, em lugar de todos esses grandes livros repletos de “devido” e “havido”, que se tornaram inúteis.

E essa revolução profunda não somente está em vias de se realizar, mas já se realiza, aqui e ali. Mas seria inútil indicar as tentativas que parecem estar mais próximas de nosso ideal, pois as chances de sucesso só podem crescer se o silêncio continuar a protegê-las, se o ruído da propaganda não perturbar seus modestos começos. Lembremos a história da pequena sociedade de amigos que se agrupara sob o nome de “Comuna de Montreuil”. Pintores, carpinteiros, jardineiros, donas de casa, professoras, colocaram na cabeça a ideia de simplesmente trabalhar uns para os outros sem um contador como intermediário, e sem pedir conselhos ao cobrador de impostos ou ao tabelião. Quem

a evolução, a revolução e o ideal anárquico

precisava de cadeiras ou mesas ia pegá-las no amigo que as fabricava; este, cuja casa precisava de pintura, avisava a um amigo, que no dia seguinte trazia seu pincel e latas de tinta. Quando o tempo estava bonito, arrumavam-se com roupas limpas e passadas pelas cidadãs, e depois iam passear colhendo legumes frescos na casa do companheiro horticultor, e a cada dia as crianças aprendiam a ler na casa da professora. Mas tudo isso era belo demais! Um escândalo desse tinha que cessar. Felizmente, um “atentado anarquista” lançou o terror entre os burgueses e o ministro cujo feio nome lembra as “convenções infames” teve a ideia de oferecer aos conservadores, como presente de ano novo, um decreto de prisões e investigações em massa. Os bravos comunistas de Montreuil foram enquadados e os mais culpados, ou seja, os melhores, foram submetidos a essa tortura disfarçada chamada instrução secreta. Assim, mataram a pequena Comuna temida, mas, não tenham medo, ela renascerá.

X

Lembro, como se ainda a estivesse vivendo, de uma hora pungente da minha vida, quando a amargura da derrota só era compensada pela alegria misteriosa e profunda, quase inconsciente, de ter agido conforme meu coração e minha vontade, de ter sido eu mesmo, apesar dos homens e do destino. Desde essa época, um terço de século já se passou.

A Comuna de Paris estava em guerra contra as tropas de Versalhes e o batalhão no qual eu entrara tinha sido feito prisioneiro no platô de Châtillon. Era de manhã, uma formação de soldados nos rodeava e oficiais zombeteiros

se pavoneavam à nossa frente. Vários nos insultavam; um que, mais tarde tornou-se sem dúvida um dos elementos que se pronunciaram na Assembleia, perorava sobre a loucura dos parisienses; mas tínhamos outras preocupações além de escutá-lo. O que mais me chocou dentre eles era um homem de poucas palavras, de olhar duro, com aspecto de asceta, provavelmente um pequeno proprietário rural, criado por jesuítas. Ele passeava lentamente pela borda abrupta do platô, e se destacava em negro como uma feia sombra contra o fundo luminoso de Paris. Os raios do sol nascente espalhavam-se como um manto dourado sobre as casas e as cúpulas: nunca a bela cidade, a cidade das revoluções me parecera mais bela! “Olhem sua Paris”, dizia o homem sombrio mostrando com sua arma o deslumbrante quadro; “Pois bem, não restará pedra sobre pedra!”

Repetindo segundo seus mestres essa frase bíblica, antes aplicada aos ninivitas e babilônicos, o fanático oficial sem dúvida esperava que seu grito de ódio fosse uma profecia. No entanto, Paris não caiu; não somente permaneceu “pedra sobre pedra”, mas também aqueles cuja existência o fazia execrar Paris, ou seja, os trinta e cinco mil homens degolados nas ruas, nas casernas e nos cemitérios, que não morreram em vão, e de suas cinzas nasceram vingadores. E quantas outras “Paris”, quantos outros focos de revolução consciente nasceram pelo mundo! Para onde quer que nos dirijamos, para Londres ou Bruxelas, Barcelona ou Sidney, Chicago ou Buenos Aires, temos amigos que sentem e falam como nós. Sob a grande fortaleza que os herdeiros da Roma cesarista e papal construíram, o solo está totalmente minado e, por toda parte, aguarda-se a explosão. Será que ainda existe, como no século passado, um Luís XVI para dar de ombros dizendo: “Depois de mim, o

dilúvio!”? A catástrofe virá, hoje ou amanhã. Baltazar está no festim, mas ele sabe perfeitamente que os persas estão escalando as muralhas da cidade.

Assim como um artista, que pensando sempre na sua obra, conserva-a inteira em seu cérebro antes de escrevê-la ou pintá-la, também o historiador vê antecipadamente a revolução social: para ele, ela já se deu. Entretanto, não nos iludamos: sabemos que a vitória definitiva ainda irá custar muito sangue, cansaço e angústia. À Internacional dos oprimidos, opõe-se uma Internacional dos opressores. Sindicatos organizam-se pelo mundo todo para se apropriar de tudo, produtos e benefícios, para arregimentar todos os homens num imenso exército de assalariados. E esses sindicatos de bilionários e de fabricantes, circuncisos e incircuncisos, têm certeza absoluta de que pela onipotência do dinheiro terão a seu lado os governos e todo seu instrumental de repressão: exército, magistratura e polícia. Além disso, eles esperam que, através de uma hábil evocação dos ódios de raças e povos, conseguirão conservar massas exploráveis num estado de ignorância patriótica e imbecil, mantendo a servidão. De fato, todos os velhos rancores, tradições de antigas guerras e esperanças de revanche, essa ilusão da pátria, com suas fronteiras e policiais, e as excitações cotidianas dos chauvinistas profissionais, soldados ou jornalistas, tudo isso pressagia ainda muitas penas; mas temos vantagens que não podem nos ser arrebatadas. Nossos inimigos sabem que eles buscam uma obra funesta e sabemos que a nossa é boa; eles se detestam e nós nos amamos; eles procuram ir na contracorrente da história e nós marchamos com ela.

Assim, os grandes dias anunciam-se. A evolução se produziu, a revolução não poderá tardar. Aliás, ela não se

cumpra constantemente sob nossos olhos, por múltiplos abalos? Quanto mais as consciências, que são a verdadeira força, aprendem a se associar sem abdicar, mais os trabalhadores, que são os mais numerosos, terão consciência de seu valor, e mais as revoluções serão fáceis e pacíficas. Finalmente, toda oposição deverá ceder, e mesmo ceder sem luta. Virá o dia em que a Evolução e a Revolução, sucedendo-se imediatamente, do desejo ao fato, da ideia à realização, irão se confundir em um único e mesmo fenômeno. É assim que funciona a vida num organismo são, o de um homem ou o de um mundo.

Tradução do francês por Martha Gambini.

Notas

¹ Reproduzimos aqui os capítulos IX e X do livro de Élisée Reclus, *L'Évolution, la révolution et l'idéal anarchique*, Éditions Stock, 1906. Disponível em: <https://fr.theanarchistlibrary.org/elisee-reclus-l-evolution-la-revolution-et-l-ideal-anarchique>. Ver também *Évolution et Révolution*, versão anterior e reduzida deste mesmo texto. Na publicação da versão revisada, Reclus alerta que o livro é resultado de um discurso publicado em Genebra, 20 anos antes, aproximadamente 10 anos depois do fim da Comuna. “Este livro é o desenvolvimento de um discurso pronunciado há mais de vinte anos, numa reunião pública em Genebra e, desde então, é publicado em brochuras de diversas línguas. E.R. – Bruxelas, 15 de julho de 1902”.

a evolução, a revolução e o ideal anárquico

Resumo

Uma década depois do fim da Comuna de Paris, Élisée Reclus celebra a Internacional dos Trabalhadores. As greves, as revoltas, a solidariedade são mostras de que a experiência da Comuna continua viva e que, uma vez tornada realidade, não pode ser destruída por qualquer governo, patrão, ou organizações sindicais reformistas.

Palavras-chave: Internacional dos Trabalhadores, revolução, Comuna de Paris, anarquia.

Abstract

Ten years after the Paris Comuna has ended, Élisée Reclus celebrates the International Workers' Association. The strikes, revolts, and solidarities show that the Paris Commune's experience is still alive, and once it became a reality it cannot be destroyed by governments, masters, or reformist's unions.

Keywords: International Workers' Association, revolution, Paris Commune, anarchy.

Indicado para publicação em 8 de agosto de 2021.

Evolution, Revolution, and the Anarchist Ideal, Élisée Reclus.